

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E UMA FORMAÇÃO INTEGRAL: UMA LEITURA CRÍTICA DAS PRÁTICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Kaylane Mercante Moreira Pinto¹
Gustavo Goulart Pinto²
Patricia Becker Engers³
Rodrigo Lemos Soares⁴

RESUMO

A Educação Física escolar deve ser compreendida como componente curricular que ultrapassa a dimensão técnica e esportiva, contribuindo para a formação integral dos estudantes em seus aspectos físicos, cognitivos, sociais e culturais, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Este estudo teve como objetivo analisar como as práticas pedagógicas observadas nas aulas de Educação Física, se articulam com perspectivas críticas de ensino e com a formação integral dos alunos. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-analítica, fundamentada nos pressupostos da pesquisa-ação. O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Uruguai/RS, por meio da observação sistemática de 20 aulas, distribuídas entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. A coleta de dados ocorreu por meio de fichas de observação, anotações de campo e registros reflexivos, sendo a análise orientada por referenciais da Educação Física crítica e pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. Os resultados evidenciaram que, nos anos iniciais, as práticas pedagógicas apresentaram maior aproximação com perspectivas formativas, destacando-se o uso do diálogo, da ludicidade e da cooperação como estratégias que favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes. Em contrapartida, nos anos finais, observou-se a predominância de práticas centradas na técnica esportiva, com pouca diversificação metodológica e escassez de momentos reflexivos, o que limita a participação e o engajamento dos alunos. Constatou-se, ainda, um distanciamento entre os pressupostos teóricos presentes nos documentos orientadores e a prática pedagógica efetiva. Conclui-se que a Educação Física possui grande potencial para promover inclusão, criticidade e formação cidadã, mas necessita avançar na ressignificação de suas práticas, especialmente nos anos finais, de modo a se constituir como espaço de diálogo, reflexão e transformação social.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Formação Integral, Prática Pedagógica.

1 Graduada do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, kaylanepinto,aluno@unipampa.edu.br;

2 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade federal do pampa - Unipampa, gustavogoulart.aluno@unipampa.edu.br;

3 Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Pampa- RS, patriciaengers@gmail.com.

4 Professor orientador: Doutor em Educação (UFPel), Universidade Federal do Pampa - RS, rodrigolemos@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO



A Educação Física escolar (EF) precisa ser compreendida para além da execução mecânica ou da repetição de movimentos. Trata-se de um componente curricular que assume papel fundamental na formação integral dos estudantes. Segundo Valter Bracht (1999), a Educação Física assume papel fundamental na formação integral dos estudantes, abrangendo diferentes dimensões do desenvolvimento humano. Assim, mais do que desenvolver habilidades motoras específicas, a Educação Física colabora na constituição de sujeitos autônomos, críticos e responsáveis, especialmente em contextos marcados pela vulnerabilidade social.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a Educação Física deve oportunizar experiências que permitam a participação ativa e crítica na cultura corporal de movimento, incluindo jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas e práticas corporais de aventura. Nos anos iniciais, as experiências corporais são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, incluindo dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Conforme apontam Fay (1996) e Gallahue e Ozmun (2005), a infância representa uma etapa decisiva para a aquisição das habilidades motoras fundamentais, que constituem a base para a prática de atividades físicas mais complexas ao longo da vida. O desenvolvimento motor nesse período está intrinsecamente relacionado à expressão, à percepção corporal e à capacidade de se relacionar com o espaço e com os pares, elementos essenciais para a construção de autonomia e autoconfiança (Gallahue e Ozmun, 2005).

Nesse contexto, Darido e Rangel (2005) destacam que a Educação Física deve ir além da mera reprodução de gestos técnicos, promovendo vivências significativas que incentivem a socialização, a cooperação, o respeito às regras e o desenvolvimento ético. Tais experiências permitem que as crianças internalizem não apenas habilidades motoras, mas também valores sociais, atitudes de participação coletiva e hábitos de convivência, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de interagir de forma crítica e consciente com seu entorno. Assim, a Educação Física nos anos iniciais não se restringe à dimensão física do movimento, mas constitui espaço privilegiado para o desenvolvimento global da criança, articulando aspectos motores, afetivos, cognitivos e sociais de maneira integrada.

Nos Anos Finais, o ensino deve avançar para uma abordagem mais reflexiva. Para Betti e Zuliani (2002), superar o modelo tecnicista e esportivizado implica compreender o significado sociocultural das práticas corporais. Nessa direção, Neira e Nunes (2006) destacam a importância de problematizar estereótipos e ampliar repertórios, estimulando que os alunos





analisem criticamente as manifestações da cultura corporal presentes no cotidiano. A perspectiva crítico-superadora, apresentada pelo Coletivo de Autores (1992), reforça essa concepção ao compreender a Educação Física como prática pedagógica capaz de fomentar a leitura de mundo, participação democrática e construção coletiva do conhecimento. Quando situada em contextos permeados por desigualdades, a EF assume ainda maior relevância social.

Para Bracht (1994), trata-se de uma prática pedagógica comprometida com a formação crítica dos sujeitos. Em territórios marcados por vulnerabilidade, ela pode atuar como espaço de reconhecimento das identidades locais, de valorização das experiências corporais da comunidade e de fortalecimento da autoestima, ao legitimar saberes frequentemente marginalizados. Vivências corporais que dialogam com jogos, danças, esportes e práticas culturais locais contribuem para o sentimento de pertencimento e estimulam reflexões sobre desigualdades, preconceitos e estigmas que atravessam a escola e a sociedade.

Diante do exposto, o presente trabalho apresenta reflexões derivadas das observações realizadas nas aulas de Educação Física no contexto do componente curricular Prática como Componente Curricular (PCC) VI. O objetivo é compreender como as práticas pedagógicas observadas se articulam com os princípios éticos, sociais e culturais da Educação Física escolar e como contribuem para a construção de ambientes de aprendizagem mais acolhedores, participativos e inclusivos. Assim, reforça-se que a Educação Física no Ensino Fundamental, tanto nos Anos Iniciais quanto nos Anos Finais, deve ser planejada com intencionalidade pedagógica, contemplando a diversidade dos estudantes e promovendo aprendizagens que integrem movimento, reflexão e convivência.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, caracterizada quanto aos objetivos como descritiva e quanto ao método desenvolvido a partir de pressupostos da pesquisa-ação (Thiollent, 2011). Tal abordagem possibilita compreender a realidade escolar em sua complexidade, considerando os aspectos pedagógicos, sociais e culturais que atravessam a prática docente em Educação Física.

O estudo foi realizado em uma escola pública localizada no município de Uruguaiana/ RS, que atende estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio em tempo integral, inserida em um contexto de vulnerabilidade social. Inicialmente, procedeu-se ao mapeamento do contexto





escolar, incluindo a ~~apresentação formal à equipe diretiva~~, coordenação pedagógica e docentes, bem como a ~~solicitação de autorização para realização das observações~~. Em seguida, foram realizadas observações sistemáticas das aulas de Educação Física, contemplando tanto os anos iniciais quanto os anos finais do Ensino Fundamental.

Ao todo, foram observadas 20 aulas, sendo 10 nos anos iniciais (1º ao 5º ano) e 10 nos anos finais (6º ao 9º ano). Nos anos iniciais, devido ao reduzido número de alunos, algumas turmas foram organizadas de forma conjunta (1º e 2º anos; 3º e 4º anos), o que demandou adaptações metodológicas por parte da docente.

A coleta de dados foi realizada por meio de: fichas de observação previamente elaboradas; anotações de campo durante as aulas; registros reflexivos produzidos após cada observação. Os registros contemplaram aspectos como: organização das aulas, estratégias pedagógicas, conteúdos trabalhados, participação dos estudantes, relações interpessoais, utilização de materiais e condução docente.

A análise dos dados foi orientada por referenciais teóricos da Educação Física escolar crítica, com destaque para o Coletivo de Autores (1992), Paulo Freire (1996) e Dermeval Saviani (2008), articulando-se também com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). A interpretação dos dados buscou identificar aproximações e distanciamentos entre a prática observada e os pressupostos de uma Educação Física crítica, formativa e emancipadora.

Além disso, utilizou-se como referência analítica o método histórico-crítico, especialmente os cinco momentos propostos por Saviani (prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final), permitindo compreender como esses elementos se manifestam, ainda que de forma não sistematizada, nas aulas observadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações realizadas no âmbito do Componente Curricular PCC VI permitiram compreender, de forma ampla e aprofundada, a complexidade que envolve o ensino da Educação Física na escola pública, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social. Ao longo das aulas observadas nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, evidenciou-se que a Educação Física escolar ocupa um lugar estratégico na formação humana, não apenas pelo desenvolvimento das capacidades motoras, mas, sobretudo, por favorecer





processos de socialização, construção de valores, expressão cultural, convivência democrática e fortalecimento da identidade dos estudantes.

Nos anos iniciais, verificou-se a presença de práticas pedagógicas que articulavam ludicidade, cooperação e diálogo, por meio de estratégias sistematizadas, como rodas de conversa, jogos cooperativos, brincadeiras tradicionais e atividades motoras amplas. Tais vivências reforçam o potencial formativo da cultura corporal na infância, conforme apontam estudos da área do desenvolvimento motor, ao possibilitar que as crianças explorem o corpo, construam relações sociais e desenvolvam autonomia. A presença constante do diálogo, tanto no início quanto ao final das aulas, evidencia uma prática alinhada à perspectiva de Paulo Freire, ao reconhecer os estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento, e também à abordagem Crítico-Superadora do Coletivo de Autores, ao compreender o movimento como manifestação cultural.

Apesar desses avanços, foram identificadas algumas limitações, como a ausência de problematizações mais aprofundadas acerca dos significados culturais das práticas corporais. Ainda assim, o conjunto das ações observadas aponta para uma Educação Física comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes, contemplando dimensões afetivas, cognitivas, sociais e motoras.

Em contrapartida, nos anos finais do Ensino Fundamental, a prática pedagógica apresentou características distintas. Embora os planos de aula demonstrem organização e intencionalidade, as aulas observadas mantiveram forte aproximação com modelos tradicionais de ensino, marcados pela ênfase na técnica, pela repetição de movimentos e pela limitada diversidade metodológica. A ausência de aquecimento estruturado, de atividades contextualizadas e de discussões críticas sobre o esporte evidencia um distanciamento das perspectivas defendidas por autores como Mauro Betti, Jorge Olímpio Bento e Elenor Kunz, que compreendem o ensino esportivo para além da dimensão técnica, valorizando a compreensão tática, a tomada de decisão e a participação de todos os estudantes.

Além disso, a ausência de ludicidade e de espaços de diálogo contribuiu para a diminuição do engajamento dos alunos, especialmente daqueles com menor afinidade ou habilidade com o basquetebol, reforçando desigualdades no interior da turma. Esse cenário limita a função social da Educação Física enquanto espaço de inclusão, participação e reconhecimento das diferenças.





A análise também evidenciou um descompasso entre o que é proposto nos documentos orientadores, como a Base Nacional Comum Curricular, o Projeto Político-Pedagógico da escola e os referenciais teóricos adotados, e aquilo que efetivamente se concretiza na prática pedagógica. Em um contexto escolar marcado por vulnerabilidades sociais, a Educação Física poderia assumir um papel ainda mais significativo como espaço de acolhimento, pertencimento e construção de sentidos positivos sobre o corpo e a convivência. Nesse sentido, autores como Valter Bracht (1999) e Marcos Garcia Neira (2011) destacam que, especialmente em contextos periféricos, a área deve contribuir para o fortalecimento de vínculos sociais, ampliação do repertório cultural e desenvolvimento da consciência crítica. Apesar das limitações identificadas, é fundamental reconhecer o compromisso das professoras observadas, que demonstraram organização, sensibilidade e cuidado na condução das aulas, mesmo diante de condições estruturais e sociais adversas. A prática docente, nesse sentido, não pode ser analisada de forma isolada, mas deve ser compreendida em sua relação com o contexto escolar, os recursos disponíveis e os desafios cotidianos enfrentados.

A partir das análises realizadas, reafirma-se que a Educação Física escolar deve ser concebida como componente curricular comprometido com a formação integral dos estudantes, articulando movimento, reflexão crítica e convivência social. A formação docente, nesse cenário, precisa assumir o compromisso ético e político defendido por Paulo Freire, compreendendo a educação como prática social capaz de promover autonomia, consciência e transformação.

Em síntese, as observações evidenciaram avanços importantes, especialmente nos anos iniciais, como a valorização do diálogo, da cooperação e da cultura infantil. Por outro lado, apontaram desafios significativos nos anos finais, marcados pela predominância de práticas esportivizadas e pouco reflexivas. Não se trata de excluir o esporte do currículo, mas de ressignificá-lo enquanto fenômeno cultural, carregado de sentidos sociais, históricos e políticos, conforme propõe o Coletivo de Autores.

Por fim, destaca-se que a Prática Componente Curricular VI constituíram-se como experiência formativa fundamental, possibilitando o desenvolvimento de um olhar crítico, sensível e comprometido com a realidade escolar. Essa vivência reforça a necessidade de uma Educação Física que vá além da execução de movimentos, assumindo-se como espaço de diálogo, inclusão, criatividade, reflexão e transformação social, contribuindo efetivamente para a formação de sujeitos críticos, participativos e conscientes de seu papel na sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas a partir das Práticas Componente Curricular VI evidenciam que a Educação Física escolar, embora reconhecida como fundamental na formação integral dos estudantes, ainda apresenta contradições significativas entre o que se propõe nos documentos oficiais e o que se concretiza na prática pedagógica.

Nos anos iniciais, observou-se um trabalho mais coerente com perspectivas críticas, marcado pela presença do diálogo, da ludicidade e da cooperação. Essas práticas demonstram que é possível desenvolver uma Educação Física comprometida com a formação humana, na medida em que valorizam o estudante como sujeito ativo e reconhecem o movimento como expressão cultural. Ainda assim, mesmo nesse contexto, percebe-se a necessidade de aprofundar as problematizações e ampliar a compreensão crítica das práticas corporais.

Por outro lado, nos anos finais, a predominância de aulas centradas na técnica esportiva revela a permanência de um modelo tradicional de ensino, no qual o esporte é tratado de forma descontextualizada e pouco reflexiva. Essa lógica reduz as possibilidades formativas da Educação Física, limita a participação dos estudantes e reforça desigualdades dentro da própria turma. Tal cenário evidencia um distanciamento das orientações da Base Nacional Comum Curricular e das abordagens críticas da área, apontando para a necessidade urgente de ressignificação da prática pedagógica.

Nesse sentido, não se trata de negar o ensino do esporte, mas de problematizá-lo, compreendendo-o como fenômeno cultural atravessado por questões sociais, históricas e políticas. A ausência de diálogo, ludicidade e reflexão nas aulas observadas nos anos finais demonstra que ainda há um caminho a ser percorrido para que a Educação Física cumpra sua função social de forma plena, especialmente em contextos de vulnerabilidade, onde seu papel poderia ser ainda mais significativo.

Além disso, as condições concretas da escola como limitações estruturais, escassez de materiais e o contexto social dos estudantes influenciam diretamente a prática docente. No entanto, tais fatores não explicam totalmente a permanência de práticas tradicionais, indicando que a formação docente também precisa avançar no sentido de fortalecer perspectivas críticas e reflexivas.



A experiência vivenciada possibilitou compreender que a atuação do professor de Educação Física exige muito mais do que domínio técnico: requer posicionamento pedagógico, sensibilidade social e compromisso com a formação humana. Nesse processo, a aproximação com a realidade escolar contribuiu para a construção de um olhar mais crítico e consciente sobre a docência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de reflexão. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 13, n. 1, p. 85–92, 2002.
- BRACHT, V. **Educação Física e função social da escola**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Ijuí: Unijuí, 1999.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. (orgs.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FAY, G. **Desenvolvimento motor e atividades físicas na infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P.; SCAGLIA, J. **Educação Física e cidadania**. Campinas: Papyrus, 2003.
- GALLAHUE, D.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.
- GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos: análise e intervenção**. Lisboa: FMH, 1995.
- GRECO, P. J.; BENDA, R. **Iniciação esportiva e desenvolvimento motor**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos e brincadeiras na escola: ludicidade e desenvolvimento**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- KUNZ, G. **Educação Física escolar: contribuições para uma prática reflexiva**. Porto Alegre: Artmed, 2001.





VENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

São Paulo: Cortez, 2013.

V PIBID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

III ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 3. ed.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. C. S. **Educação Física na escola: implicações práticas**. São Paulo: Cortez, 2006.

NEIRA, M.; NUNES, L. **Educação Física em contextos de vulnerabilidade social**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. C. da S. **Educação Física na escola: implicações práticas**. São Paulo: Cortez, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**. São Paulo: Blucher, 2011.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

THIOLLENT, M. J. M. . **Metodologia de Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

